Quadro inalterado

(Isso é bom ou ruim para o presidente?)

Os últimos boletins confirmam: o quadro clínico do presidente Tancredo Neves está estabilizado.

Quando se estabiliza um paciente em estado grave, os prognósticos seriam bons ou ruins? Esta pergunta corresponde a uma curiosidade geral já que os boletins oficiais têm falado em gravidade e estabilização do quadro, a um só tempo. Segundo um dos médicos ligados à equipe que assiste o presidente Tancredo Neves, esta estabilização não é tranqüilizadora. Significa que o paciente encontra-se numa situação extremamente delicada, uma situação de risco, sem conseguir sair dela mesmo às custas dos vários procedimentos terapêuticos adotados.

De qualquer forma, a equipe continua procurando saídas para um quadro desesperador. Ainda ontem, o presidente era mantido num estado de **hipotermia** (com a temperatura oscilando entre 35° e 35,5°), na tentativa de se baixar as necessidades metabólicas em geral, e a própria taxa de oxigênio, em particular. Entretanto, os níveis de PO_2 do sangue ainda estavam baixos (em torno de 50), o que vem demonstrar que os pulmões não conseguem realizar convenientemente as trocas gasosas naturais (oxigênio e gás carbônico). Por isso, já se pensava ontem em substituir o respirador de volume por um oxigenador de membrana (isto é, o pulmão artificial, um equipamento que se responsabilizaria pelo processo de oxigenação).

Segundo um dos médicos, "a **hipotermia** não é uma terapêutica". Seria uma providência justificável "num quadro desesperador", com duplo objetivo: dar condições para que o organismo reaja a alguma das terapêuticas empregadas, ou postergar o quadro na tentativa de se encontrar uma nova terapêutica. Este mesmo médico contou, ontem à noite, que a **hipotermia** foi realizada inicialmente à custa de drogas e, como esta manutenção da temperatura em torno dos 35° não poderia ser controlada indefinidamente por medicamentos, utilizou-se então o colchão com água gelada para manter-se o rebaixamento.

Há evidências também de que a **hipotermia** é um recurso de utilização limitada, e, sendo assim, o presidente não poderá ser mantido por muito tempo nestas condições. Quanto à possibilidade de lesões cerebrais — não descartadas diante deste quadro — os médicos voltam a afirmar que "as respostas básicas aos estímulos externos permaneciam preservadas ontem". E o presidente era mantido sedado por dois motivos básicos: 1 — para diminuir o seu estado de sofrimento; 2 — porque um paciente que dorme dispende menos energia. Em outras palavras, diminui as suas necessidades metabólicas.

O outro dado novo nesse quadro grave é que os médicos passam, agora, a cercar o sistema imunológico do presidente, comprovadamente afetado. Por isso, ele recebeu ontem dois tipos de substâncias bastante importantes nesta tentativa derradeira por melhores respostas orgânicas. Uma chama-se **gamaglobulina hiperimune**, que são anticorpos. A outra é conhecida como **fator de transferência**, ou seja, uma outra substância retirada do plasma sangüíneo, que atua como um estimulante para as defesas orgânicas e para todo o sistema imunológico. Ele recebeu a gamaglobulina e o fator de transferência por via parenteral. Além disso, passou novamente por um processo de **hemodiálise**.

Todas estas providências médicas são justificáveis quando se quer reverter um quadro considerado crítico. O que se conseguiu, até a noite de ontem, foi pelo menos evitar novas crises de taquicardia e variações maiores de pressão arterial. Mas não se pode detectar alterações no quadro de insuficiência de múltiplos órgãos, que há dias se insinua.

Laura Greenhalgh

O último boletim

O último boletim médico, divulgado ontem às 23h30, repetia praticamente o que havia sido relatado nos boletins anteriores. O assessor Pedro Luís Rodrigues informava: "Estabilidade no quadro clínico (...) A hemodiálise encerrou-se no começo da noite, sendo que o exame de sangue que se seguiu indicou a redução dos níveis de creatinina de 6,2 para 3 e a redução dos níveis de uréia de 208 para 77". Informava também o assessor: "Radiografias tomadas no final da tarde mostraram a persistência da infiltração intersticial, não se modificando pois o quadro da situação pulmonar". E mais: "Não se verificaram neste começo de noite ocorrências de variações cardíacas". Depois de informar a aplicação de gamaglobulina e fator de transferência, para ampliar a capacidade imunológica do sangue, o assessor relata que o respirador mecânico continua ligado e "o estado geral do presidente continua muito grave".

Como e quando os médicos optaram pelo Incor

Desde quando o Hospital das Clínicas foi escolhido como local ideal para internação de Tancredo Neves? Na confusão gerada pelo agravamento do estado de saúde do presidente, espalharam-se duas versões: uma de que o HC estava pronto com muita antecedência para receber o paciente, e outra de que o complexo hospitalar fora colhido de surpresa, naquela terça-feira, dia 26 de março, quando o presidente foi transferido às pressas de Brasília para São Paulo.

Tanto uma versão como outra merecem correções e retoques, segundo o relato do superintendente das Clínicas, o professor Guilherme Rodrigues da Silva. O professor fez uma retrospectiva dos fatos para o **Jornal da Tarde**, lembrando que, a rigor, o HC sempre esteve preparado para atender o presidente. Mas que, como ele vinha sendo assistido por outra equipe médica em Brasília, o complexo hospitalar paulista não se manifestou formalmente a respeito de uma possível transferência.

Entretanto, com o agravamento do quadro de saúde após a primeira cirurgia, os próprios médicos de Brasília (depois de consultarem a família Neves) resolveram convidar o dr. Henrique Walter Pinotti para uma avaliação conjunta em Brasília. O dr. Pinotti teria recebido este convite na noite de segunda-feira, dia 18 de março, e na manhã seguinte ele tomava o primeiro jato comercial para Brasília. Antes de embarcar, o médico teria entrado em contato com alguns colegas, entre eles a dra. Angelita Haber Gama, e teria pedido a seguinte providência: que se ajeitassem algumas dependências no prédio central das Clínicas (onde a equipe do dr. Pinotti atua) para a eventualidade de uma transferência.

A dra. Angelita passou a ordem para o pessoal da enfermagem, e, assim, prepararam-se alguns apartamentos, revisaram-se equipamentos, etc. O professor Guilherme — superintendente de todo o complexo — não foi, entretanto, informado destes preparativos. Apenas sabia que seu colega havia sido chamado a Brasília. "Eu me lembro que, naquela terça-feira, ao sair de uma reunião com o conselho deliberativo, eu tinha um grupo enorme de jornalistas a minha espera, querendo saber se o presidente estava sendo esperado. Eu, que não sabia de nada, tentei dar algumas explicações, mas fui me informar melhor com o pessoal do Pinotti."

Tudo não passou de um rápido ensaio no hospital. Logo vieram as notícias de que o presidente seria operado pela segunda vez em Brasília, e que não se cogitava uma transferência para São Paulo. A situação permaneceu inalterada até a madrugada de 26 de março, uma terça-feira. O professor Guilherme se recorda de que foi acordado pelo dr. Pinotti às quatro e meia da manhã, sendo comunicado de que o presidente sairia de Brasília por volta das seis da manhã, vindo diretamente para o HC.

Foi quando o superintendente imediatamente ligou para o governador Franco Montoro comunicando o fato, ainda desconhecido no Palácio dos Bandeirantes. O governador acionou esquemas de segurança e de trânsito àquela mesma hora, enquanto o professor Guilherme reunia médicos e deflagrava um rápido processo de preparação do Instituto do Coração, que receberia, passadas algumas horas, o presidente, sua família e toda a comitiva. "Foi o dr. Pinotti quem sugeriu o Instituto do Coração, por contar com equipamentos mais novos e pessoal de enfermagem altamente especializado", conclui o superintendente que garante que, salvo em situações de catástrofes, o HC sempre tem preparado os mais diferentes atendimentos para casos de emergência.

L.G.

UM PROBLEMA ANTIGO

Segundo comentários colhidos junto à equipe que atende o presidente Tancredo Neves no Incor, os sintomas de problemas na região abdominal surgiram muito antes do que se pensa (e do que foi confirmado). Fontes médicas garantem que o presidente, ao viajar para a Europa, já levou consigo alguns antibióticos, prescritos por um médico de São João del Rei.

Há informações de que o presidente tentou dissimular até mesmo de sua família os seus mal-estares. Comentou-se ainda que, todas as vezes em que o candidato Paulo Maluf tentava atrair a opinião pública sobre si próprio, atacando o seu oponente a partir da idade e não a partir de premissas políticas, o presidente se irritava muito. E, talvez, esta teria sido uma das razões para o ocultamento de seu real estado de saúde.

Na manhã de 14 de março, malufistas em Brasília já comentavam que o presidente passara mal e seria submetido a uma cirurgia de emergência para combater uma peritonite. Essa informação vazou por círculos restritos e estava parcialmente correta. Na verdade, o plano do presidente Tancredo Neves não se concretizou: ele terminou sendo operado horas antes da posse, e não horas depois, como ele havia combinado com os médicos de Brasília. Hoje, está mais do que provado que este retardamento foi fatal.